

1. NOV 1987

ESTADO DE SÃO PAULO

Quarta-feira 6/11/87

Muitos interesses adiam acordo

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — À meia-noite de sexta-feira em Nova York, ou três horas da madrugada de sábado no Brasil, o enviado especial do ministro Bresser Pereira aos Estados Unidos, Fernão Bracher, saía de mais uma maratona de 13 horas de negociações sem concluir um acordo que se diz "iminente" há quatro dias.

Contava a história do fazendeiro que queria arrematar "um par de bois", mas que, quando concordou com o preço pedido, ouviu do vendedor: "Pois não vendo". Com isso, Fernão Bracher quis ilustrar e justificar a barganha que prolonga as reuniões sobre a dívida brasileira, entrando ontem em seu 16º dia.

De manhã, acordado por um repórter, Fernão Bracher voltava a repetir que "estamos nos finalmente", embora esta situação perdure por mais tempo do que ele próprio imaginava, obrigando-o a cancelar sua via-

gem de volta ao Brasil, marcada para quinta-feira passada.

Os norte-americanos o chamam de "mr. Brecher", e alguns até estranham que haja dois "Brecher" nesta negociação, o Fernão e o ministro "Brecher Pereira". Há até quem pense que seja a mesma pessoa.

"Mr. Brecher é considerado um negociador tão duro quanto os profissionais negociadores norte-americanos. A sua desvantagem seria o pouco espaço de manobra que lhe resta, limitado pelas circunstâncias políticas brasileiras. Consta até que a fórmula encontrada pelos Estados Unidos para tirar as negociações do impasse em que se encontravam está na íntegra sendo discutida em Brasília, e seu texto final seria uma operação delicada de um equilibrista tentando satisfazer variados interesses. Os banqueiros não seriam tão coesos assim, e suas diferenças têm que ser também levadas em conta. O homem encarregado de escrever o comunicado final imagina ter entregue, anteontem, o primeiro de uma série de rascunhos, e mesmo assim com bran-

cos que os negociadores deverão preencher, discutindo palavra por palavra. O que serve a norte-americanos talvez não agrade a japoneses e alemães, ou vice-versa, e no jogo estão ainda o presidente José Sarney e o PMDB.

CONSULTAS

Às vezes, por isso, a reunião fica paralisada para consultas à matriz de bancos estrangeiros representados em Nova York, no comitê de bancos credores, por enviados especiais, ou longos telefonemas a Brasília.

O acordo está para ser anunciado há pelo menos três dias, e o sinal mais claro disso é o plantão do portavoz do comitê de bancos credores. Depois de ter entregue o primeiro rascunho do comunicado, ele foi convocado de novo no sábado, para um plantão que não tem hora para acabar.

Ninguém pareceu contente com o prolongamento da negociação.

Quando a reunião acabou no final da noite gelada de sexta-feira, a

temperatura entre 3 e 5 graus e o vento, os banqueiros seguiram para os seus carros com motoristas à espera, diante do prédio em que se reúnem, apressados, parecendo mal-humorados após 17 horas de reunião inconclusiva.

Bracher estava surpreendentemente alegre, não parecendo ter passado o dia ali, numa reunião — maratona. Depois da história do "par de bois", mostrou-se verdadeiramente surpreso ao ouvir que o Icerc, a comissão interagências que examina o status da dívida brasileira, para talvez rebaixá-la, tinha acabado a sua reunião, suspendendo uma decisão à espera de notícias das negociações em Nova York.

A surpresa de Fernão Bracher é que surpreendeu alguns repórteres, que tinham a informação de que a notícia sobre o Icerc fora passada para os negociadores, contribuindo para relaxá-los com relação ao tempo para negociar — sempre mais curto, mas, também, sempre mais prolongado.